

Dólar despensa para R\$ 4,84, menor nível dos últimos dois anos

Estrangeiros que ingressam no País aumentam oferta da moeda

DE SÃO PAULO

Em dia de nova arrancada do preço do petróleo, com o barril do tipo Brent superando US\$ 120, o dólar emendou seu sexto pregão consecutivo de queda e não apenas rompeu o piso de R\$ 4,90 como fechou no menor nível em mais de dois anos.

Tirando uma ligeira alta na abertura, o dólar trabalhou em queda ao longo de todo o pregão, rompendo o piso de R\$ 4,85 ainda pela manhã. Na mínima, registrada à tarde, desceu até R\$ 4,8337 (-1,66%). Com uma leve recuperação, a moeda fechou em queda de 1,44%, a R\$ 4,8442 - menor valor desde 13 de março de 2020 (R\$ 4,8163). Nos últimos seis pregões, o dólar recuou 6,10%. Em 2022, a desvalorização é de 13,12%.

ANÁLISE

Segundo o economista-chefe da JF Trust, Eduardo Velho, mesmo que o Federal Reserve aumente os juros para o intervalo de 2,5% a 3% até dezembro, a taxa de juros brasileira continuará atraente para os investidores externos, com o dólar "gravitando" na faixa de R\$5,00.

Commodities em patamares elevados, em meio ao prolongamento da guerra na Ucrânia e possibilidade de novas sanções à Rússia, sustentam o apetite de estrangeiros por ativos domésticos. O fluxo externo alimenta apostas de fundos de investimento locais em nova apreciação do real.

Segundo analistas, a moeda brasileira se beneficia neste momento tanto em

razão do ingresso de investidores estrangeiros quanto pela perspectiva de manutenção de juros reais elevados, até porque o Banco Central elegeu a cotação do barril do petróleo como elemento crucial para suas projeções de inflação.

Declarações do presidente do BC, Roberto Campos Neto, reiterando que o pico da inflação em 12 meses deve ser em abril, não tiraram do radar a possibilidade da taxa Selic superar 13%. Isso a despeito do plano de voo original do BC ser, aparentemente, encerrar o ciclo de aperto em maio, com uma alta final de um ponto percentual, para 12,75%.

A perspectiva de manutenção de taxa de juros acima da inflação ao longo de 2022 e de juros elevados, mesmo que o Federal Reser-



Bolsa paulista recebeu R\$ 81 bilhões de estrangeiros desde janeiro

ve (BC americano) suba os juros em ritmo mais rápido, favorece as posições em real e estimulam fluxo de carry trade (estrangeiros que entram no País para investir em juros altos).

Na B3 (Bovespa), investidores estrangeiros ingres-

saram com R\$ 1,514 bilhão para ações na sessão de segunda-feira, o que leva a entrada em março a R\$ 18,381 bilhões. No acumulado do ano, os aportes externos atingem R\$ 81 bilhões. (Estadão Conteúdo)

Celso Ming

Analista Econômico e jornalista
economia@estadão.com.br



O tombo do dólar diante do real

As cotações do dólar fecharam ontem em seu nível mais baixo em reais desde março de 2020. Queda de 13,2% apenas neste ano. Isso acontece apesar dos problemas: inflação de dois dígitos, desemprego de 11%, PIB rastejante, contas públicas anêmicas e incertezas nas eleições.

Uma das forças que puxam o dólar para baixo são as excelentes condições das contas externas, as que regem as relações do Brasil com o resto do mundo. O saldo em transações correntes, que engloba comércio, rendas e serviços (menos fluxo de capitais) deve fechar o ano em cerca de US\$ 20 bilhões negativos, que serão mais do que cobertos por cerca de US\$ 60 bilhões em entrada de investimentos diretos. O superávit comercial (exportações menos importações) aponta para alguma coisa em torno dos US\$ 65 bilhões, mas pode ser maior graças ao aumento dos preços internacionais das commodities (mais de 50% das exportações). O Brasil conta hoje com US\$ 354 bilhões em reservas externas ou 22 meses de importações.

Outro fator que vem derrubando as cotações do dólar é o tamanho dos juros. A Selic (juros básicos) no momento é de 11,75% ao ano, deve passar a 12,75% ao ano no início de maio, como aponta o Banco Central, mas pode ir além disso nos meses seguintes. Enquanto isso, os juros básicos nos Estados Unidos (Fed funds) estão hoje em 0,25% ao ano, mas não deverão ultrapassar em muito os 2% ao ano até o fim de 2022. Mesmo com a alta dos juros lá fora, o investidor estrangeiro continua propenso a injetar moeda estrangeira no mercado financeiro do Brasil, onde pode ganhar mais juros do que paga lá fora.

O dólar bem mais barato não estava no horizonte dos analistas. Eles entendiam que as incertezas que rondam a política



econômica e as contas públicas acabariam por prevalecer sobre os fatores que empurram em direção contrária e manteriam as cotações do câmbio acima dos US\$ 5 por real. Ainda na semana passada, 65 dos principais analistas consultados pela Pesquisa Focus apontaram o dólar a R\$ 5,30 no fim de dezembro. Vamos agora às consequências. A valorização do real contribuiu para reduzir os preços dos importados e, por aí, para conter a inflação. Aos atuais níveis, atua para

atenuar a alta dos combustíveis e dos alimentos mais do que a redução de impostos decidida pelo governo.

A indústria de transformação tende a perder mais competitividade, embora possa gastar menos reais no pagamento de sua dívida em moeda estrangeira.

Mas não dá para dizer que o real valorizado aumente as viagens internacionais, porque as passagens aéreas ficaram muito mais caras e a inflação global aumentou os custos do turismo.

Veículo: Impresso -> Jornal -> Jornal A Tribuna - Santos/SP

Seção: Economia **Caderno:** B **Página:** 1 e 2